



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio Guaíba

Canoas-RS, 18 de setembro de 2009

Jornalista: Bom dia, Presidente. Prazer em tê-lo aqui, é um prazer da rádio Guaíba, do Grupo Record, recebê-lo aqui. O senhor está em uma visita meio rápida, está vindo de Curitiba. Mas está com um fato importante aqui, que é a cerimônia de assinatura do início das obras da BR-448, a Rodovia do Parque, que é uma rodovia importantíssima para a região metropolitana.

Presidente: Eu penso, Rogério, que essa Rodovia do Parque aqui na Grande Porto Alegre vai ter, para Porto Alegre, o mesmo efeito que o Rodoanel vai ter em São Paulo. Ou seja, é o velho sonho e o grande sonho de você tirar um grande fluxo de trânsito das capitais, caminhões, o que torna a vida das pessoas um inferno na hora de ir trabalhar e na hora de voltar do trabalho. Então, o sonho de construir essa rodovia é uma coisa muito preciosa para os gaúchos. Nós colocamos no PAC, o projeto está pronto, já foi feita a licitação, vamos dar ordem de serviço, hoje ela começa, e eu espero e peço pelo amor de Deus que não haja nada que atrapalhe a conclusão dessa rodovia, porque às vezes, quando a gente começa, aparece o Tribunal de Contas e encontra um problema; às vezes, aparece o Ministério Público; às vezes, aparece uma ação. Eu espero que as pessoas tenham compreensão de que a cada vez que a gente atrasa uma obra muitos meses, a gente termina prejudicando a população. Nós estamos começando ela em uma perspectiva de em 2011 entregá-la pronta ao povo do estado do Rio Grande do Sul, ao povo de Porto Alegre, ao povo da região metropolitana de Porto Alegre, sobretudo Sapucaia, Canoas e as outras cidades da região, que vão se beneficiar de uma grande rodovia e de uma coisa extremamente importante para a tranquilidade do povo.



Jornalista: Presidente, tem uma outra rodovia importante, também. A ministra Dilma, que está aí, sabe disso. É a 101, não é? A duplicação da 101[BR-101]. Nós estamos com obras ali.

Presidente: Olha, pelo menos a cada três meses eu cobro do ministro Alfredo a conclusão do túnel, aquele túnel vindo de Osório para cá. Eu vim, no início, no começo da perfuração daquele túnel eu vim aí. Eu ia perfurar um pedaço, aí a minha segurança – eu fiquei sabendo depois – não deixou eu ligar a máquina e perfurar, e eu estou esperando aquele túnel. Todo dia eu estou perguntando para o Alfredo, porque essa rodovia, a BR-101, é uma possibilidade de integração do Mercosul excepcional, sobretudo Brasil e Argentina. Se a gente imaginar o que vai facilitar a vida das pessoas irem do Brasil até Buenos Aires, ou virem de Buenos Aires até o Brasil, sobretudo no verão brasileiro em que milhões de argentinos vêm ao Brasil, e carro bate, gente morre. Então, o que nós queremos é melhorar a vida das pessoas. Esse túnel, nós tivemos um problema, porque apareceu uma perereca nesse túnel.

Jornalista: Que é isso...

Presidente: Eu conto esta história sempre da perereca. A perereca atrasou a obra pelo menos uns seis meses, para estudar se aquela perereca estava em extinção ou não.

Jornalista: É, isso acontece.

Presidente: Sobretudo no Brasil, acontece. O fato concreto é que a perereca não estava em extinção, nós alugamos uma casinha para a perereca, um pouquinho longe de onde vai passar o túnel, e graças a Deus... Eu quero vir, já



falei para o Alfredo, eu quero vir. No dia em que o túnel estiver pronto, eu quero entrar naquele túnel e atravessá-lo a pé, porque eu estou há dois anos esperando esse túnel e não é justo que eu não atravesse ele a pé, correndo. Vamos ver quem é melhor de corrida: eu, o Alfredo, a Dilma, o Tarso. Você pode correr conosco.

Jornalista: O Tarso, eu peguei ele esses dias, pelo telefone, e ele estava correndo; ele estava ofegante, mas ele estava correndo. Ele deu uma entrevista, ofegante, ao telefone.

Presidente: O Tarso é que nem algumas pessoas que eu conheço: se lavam de manhã, molham o cabelo e chegam para mim, e eu pergunto: Você está suado? “Tô” (incompreensível). O Tarso não tem jeito de quem anda muito.

Jornalista: Mas, bom, pelo menos ofegante ele estava.

Presidente: Eu acho que ele treina mais para ficar ofegante para poder falar e impressionar, do que andar.

Jornalista: Mas a ministra Dilma, por exemplo, tem o hábito da ginástica, da esteira.

Presidente: A Dilma anda, me disseram que ela anda, nunca vi ela andar, me disseram. Ela diz que anda todo dia 1 hora. Anda ela... ela encontra com o Celso Amorim...

Jornalista: E anda, Presidente. Anda, porque ela é quase minha vizinha. Na farmácia que eu compro, ali na Tristeza, “Pô, a ministra Dilma não apareceu”. “Mas, claro, ela está em Brasília”. Todos os dias a senhora passava ali,



fazendo a sua caminhada ali, não? À tardinha?

Presidente: Pois é, a Dilma anda, mas tem um problema: ela anda 1 quilômetro por hora. Na verdade, é passeio de shopping, parece que ela está andando para fazer compras. Eu não, eu ando 6 quilômetros por hora.

Jornalista: É mesmo? Anda?

Presidente: Ando.

Jornalista: Seis por hora?

Presidente: Seis quilômetros por hora, no ritmo de atleta.

-----: E nós não podemos desmentir, senão a gente é demitido.

Jornalista: Mas é como em Olimpíada...

Presidente: Uma vez eu levei a imprensa para me ver andar, lá. Mas, de qualquer forma, Rogério, eu penso que o que nós precisamos é ter consciência de que o Brasil vive, eu diria, quase que um momento mágico na sua história. Durante o século XX nós tivemos momentos excepcionais, nós tivemos o governo Getúlio Vargas, sobretudo de 1950 a 1954, quando ele resolveu criar a Petrobras e estabeleceu uma política de desenvolvimento mais forte; nós tivemos, depois, com Juscelino Kubitschek, com a integração nacional, com o desenvolvimento; nós tivemos um outro momento no período Geisel, que foram investimentos importantes em infraestrutura. Depois, o Brasil ficou estagnado. A gente, na verdade, ficou desabitado de ver o Estado brasileiro fazer investimentos em obras públicas, fazer investimento em saneamento básico. E



nós, a partir de janeiro de 2007, quando criamos o PAC, nós dissemos ao povo brasileiro que o Brasil iria voltar a crescer e voltar a fazer investimentos em obras públicas. Porque esses investimentos em obras públicas são uma carteira, você tem que contratar todo ano, todo ano, todo ano, todo ano um pouco de obras e a cada ano projetar mais obras, para que você tenha uma indústria poderosa, uma indústria grande, para que você gere emprego, para que você distribua renda.

Eu vou dar um exemplo para vocês. Eu fui a um bairro de Fortaleza, e depois eu fui a Boa Vista, em Roraima, anunciar duas obras de saneamento básico e drenagem. As duas em Roraima, que tem apenas 250 mil habitantes e no Maranguape, lá no estado do Ceará, na grande Fortaleza, que tem lá uns 350 mil habitantes, naquela região, ou seja, em duas obras, nós anunciamos quase R\$ 1 bilhão em saneamento básico.

Em 2002, o Brasil inteiro só investiu R\$ 262 milhões, ou seja, em uma cidade de 250 milhões (mil) de habitantes e em um bairro de 350 mil habitantes, nós anunciamos cinco vezes mais tudo o que foi investido em saneamento básico em 2002. Qualquer cidade aqui do Rio Grande do Sul, da grande Porto Alegre, deve ter muitos investimentos, dinheiro do Orçamento da União, a Prefeitura anda rica com financiamento... porque senão o Brasil não cresce. Se o Estado não tiver capacidade e competência de ser o indutor, de ser o fomentador do crescimento econômico, a economia fica atrofiada. Vocês vejam, na crise econômica, agora. Na crise econômica, quem é que ativou a economia? Foi o Estado brasileiro que colocou mais dinheiro no PAC e foi o povo mais pobre que não teve medo de consumir e que não teve medo de comprar. Aliás – é importante que a Dilma leia – o Le Monde de ontem publicou uma matéria dizendo “Não é que o Lula tinha razão, que era uma ‘marolinha’ a crise no Brasil?”. Sabe, porque nós tínhamos consciência da consistência do que nós tínhamos feito neste país. Nós tínhamos consciência de que a crise tinha chegado aqui muito depois e ela tinha tudo para acabar muito primeiro,



porque a gente sabia as medidas que ia tomar. É em crise... enquanto a indústria automobilística no mundo inteiro está em crise, aqui no Brasil nós estamos batendo recordes, todo santo dia, de venda, de produção de carros. Estamos batendo recorde na venda de geladeira, na venda de fogão, na venda de máquina, no comércio de consumo de comida nós estamos crescendo. Não deixamos de crescer um único mês durante a crise. O mês de agosto foi excepcional na criação de empregos, foram 242 mil novos empregos criados com carteira profissional assinada, em uma demonstração de que o Brasil está sólido, o Brasil está competitivo. E agora, com o pré-sal nós não temos por que não crescer de forma excepcional neste começo do século XXI. Eu trabalho com a hipótese, Rogério, de que daqui a 10 ou 15 anos o Brasil estará entre as quatro maiores economias do mundo, porque todas as condições estão colocadas para isso.

Jornalista: O senhor falou no PAC aí, não é? O que mais nós temos para o Rio Grande do Sul, do PAC? Eu sei que o senhor falou em 1 bilhão aí?

Presidente: Os investimentos do PAC, ao todo, são de R\$ 25 bilhões. Todo o investimento do PAC para o estado do Rio Grande do Sul são R\$ 25 bilhões...

Jornalista: R\$ 25 bi, é mais que o orçamento do Rio Grande do Sul.

Presidente: ... São R\$ 25 bilhões e 200 milhões de investimentos aqui, em obras de infraestrutura, em habitação, saneamento básico, energia elétrica, o sistema de metrô do Rio Grande do Sul, e assim é em todos os estados da Federação. Não é um privilégio. É a demonstração, Rogério, de que no meu governo não importa se o governador é do PFL, se é do PSDB, se é de qualquer partido político. Nós medimos as necessidades que as pessoas têm. Se as pessoas tiverem necessidades, nós vamos fazer. Por exemplo, o



aeroporto aqui de Porto Alegre, nós sabemos que a Copa do Mundo vai exigir uma melhora nesse aeroporto. Agora, nós temos um problema de desapropriação, porque algumas prefeituras não têm dinheiro para fazer desapropriação para a gente poder aumentar a pista do aeroporto. Mas nós haveremos de encontrar uma solução porque aqui, certamente, será uma sede importante para a Copa do Mundo e nós queremos fazer, neste trabalho da Copa do Mundo, uma projeção da mobilidade urbana que uma cidade como Porto Alegre precisa, para que a gente deixe pronto, para que a gente possa realizar a melhor Copa do Mundo...

Jornalista: Não vai faltar dinheiro para o metrô, então?

Presidente: Não vai faltar dinheiro. Veja, eu vou lhe contar uma coisa: não faltará mais dinheiro para obras neste país.

Jornalista: Boa notícia.

Presidente: A gente pode não fazer com a pressa que a gente queria, porque no Brasil é complicado. A lei de licitação é uma lei muito complexa e muito atrasada. Uma empresa que perde uma obra entra na Justiça e segura uma obra durante dois anos, sem começar. Às vezes, o Tribunal de Contas faz uma fiscalização e manda parar uma obra, o que é um crime, porque pode fiscalizar, pode constatar um defeito, mas a obra tem que continuar. Entra na Justiça, vamos brigar na Justiça. O que você não pode é parar uma obra. Às vezes é questão ambiental, às vezes é questão do Ministério Público, e tudo atrasa muito. Mas eu posso te dizer uma coisa: nós aprendemos que este país só vai para a frente com muita capacidade de investimento do Estado brasileiro. E vamos criar as condições para que o Estado tenha cada vez mais capacidade para investimento.



Jornalista: Deixe-me fazer uma pergunta agora: sempre... em uma entrevista que o senhor está dando aqui para a rádio Guaíba, de efeito regional, mas sempre tem aquela pergunta de repercussão nacional e internacional. O Brasil está diante de uma compra de armamento importantíssima para a nossa defesa, importantíssima, o equipamento [está] praticamente sucateado. Aliás, o comandante da Base, o coronel Eduardo disse assim: “Aqui atrás tem um avião P-40, atrás do Presidente”. Eu quero ver qual é o avião que nós vamos botar aqui depois. Tem um P-40 aí atrás, um quadro bonito, por sinal. O senhor acredita que isso possa despertar uma corrida armamentista, com as compras do Chávez? O Chávez iniciou isso aí. Ou o Brasil procura isso, rigorosamente, para a sua defesa?

Presidente: Olha, eu não acredito que a gente tenha nenhum sinal e nenhuma hipótese de corrida armamentista aqui na América do Sul. Acontece que cada país precisa ter um mínimo de cuidado, ter um mínimo de sistema de defesa, de cuidar da sua soberania, da sua fronteira. Veja, a Venezuela é um país que tem uma quantidade enorme de petróleo e de gás. O Chávez já foi vítima de um golpe. Então, é normal que ele pense em se preparar. O Chile talvez seja, junto com a Colômbia, as duas Forças Armadas mais organizadas hoje na América do Sul.

Jornalista: Sem dúvida.

Presidente: Ora, não é possível que um país do tamanho do Brasil, que tem a reserva mais extraordinária do mundo, que é a floresta Amazônica, e que todo mundo agora se acha um pouco de dar palpite na Amazônia, e que agora descobre um território de 149 mil quilômetros de petróleo... nós precisamos nos cuidar. O Brasil tem que ter um sistema de defesa poderoso. Todo mundo sabe



que o Brasil não é país de querer fazer guerra, o Brasil é um país de paz. Mas nós precisamos mostrar os dentes, se alguém quiser brincar conosco. Quando os Estados Unidos estabelecem como prioridade reforçar a Quarta Frota no Atlântico, obviamente que nós temos que nos preocupar. Aí eles dizem que é por uma questão humanitária, [mas] nós não pedimos, ninguém pediu. Então, nós precisamos nos cuidar. Então, o Brasil precisa se preparar. Por isso o ministro Jobim apresentou um plano estratégico de defesa que é uma coisa excepcional. Tem uma série de normas, de leis que vão ser aprovadas no Congresso Nacional. Nós vamos recuperar o poder da indústria de defesa que o Brasil já teve. Este país, na década de 70, produzia tanques, e agora nós temos dificuldade até de fazer manutenção. Por quê? Porque é irresponsabilidade de muita gente que passou, de 70 para cá, e não cuidou corretamente das nossas Forças Armadas, e elas precisam estar fortes. Quanto mais fortes elas estiverem, quanto mais preparadas estiverem as nossas forças Armadas, menos possibilidade de guerra nós vamos ter aqui neste continente. Então, para nós é uma questão de honra discutir a questão dos caças, discutir a questão do navio submarino, discutir os helicópteros que vão ser produzidos lá em Itajubá, em Minas Gerais, porque o Brasil é muito grande. Nós somos a oitava economia do mundo, a primeira economia da América Latina, a maior população, temos a maior reserva amazônica do mundo, em um instante em que a questão do clima vira praticamente o debate central no mundo hoje. Então, nós temos que nos cuidar. E o Brasil não medirá esforços para recuperar o poder de defesa que nós já tivemos em outros momentos.

Aliás, o que... Aliás, nós temos mais de 15 mil quilômetros de fronteira seca e temos uma costa marítima de 8 mil quilômetros, ou seja, é muita coisa para a gente tomar conta, e a gente não toma conta apenas com palavras. Quem é que vai fiscalizar as nossas plataformas a 300 quilômetros da costa brasileira se a gente não estiver preparado com avião, com navios? Quem é



que vai tomar conta da Amazônia se o nosso Exército, a nossa Aeronáutica e a nossa Marinha não estiverem bem preparados? Tem gente que acha: “Ah, vai gastar dinheiro com as Forças Armadas”. Não, nós estamos gastando dinheiro com a defesa da integridade deste país, que é muito grande, muito importante e que nós temos que preservar com muito carinho.

Jornalista: O senhor está com dois candidatos aí, um de cada lado: um candidato ao governo e uma candidata à Presidência. Casualmente, dois ilustres gaúchos. A ministra Dilma é gaúcha por adoção, não é?

Presidente: Os gaúchos estão em alta.

Jornalista: É, não é?

Presidente: Os gaúchos estão em alta.

Jornalista: Estão em alta, não é? A começar com o Inter.

Presidente: Não, o Inter está bem. O Inter está bem. Eu acho importante, Rogério... A política é uma coisa fantástica porque a gente nunca pode dizer que nunca mais vai acontecer tal coisa, que nunca mais fulano de tal vai concorrer a tal coisa, que fulano de tal não tem condições para fazer tal coisa. Eu acho que o fato de o Tarso voltar a ser candidato a governador do Rio Grande do Sul é uma coisa extremamente importante. Certamente o PT vai ter que aprender, com muita humildade, a construir uma aliança política porque o PT já aprendeu que sozinho é muito mais difícil. Ele não pode permitir que todos se juntem contra ele. Você pode não juntar todos ao seu lado, mas não pode permitir também que todos se juntem contra você. É preciso criar um leque de alianças.



Eu acho que a candidatura da Dilma, quando for aprovada na convenção, é uma candidatura com extraordinária possibilidade de ser vitoriosa. A Dilma já tem todas as qualidades que o País... que uma pessoa precisa ter para ser candidata à presidente da República, e agora precisa construir o time que vai entrar em campo. Você sabe que a torcida é muito importante, mas sobretudo o time é importante. Então, ela tem que montar o time e agora ela tem muito trabalho a fazer até o final do ano, porque tem todo o PAC, tem todo o Minha Casa, Minha Vida, tem todo o pré-sal para a gente cuidar. Eu ainda vou lançar, neste ano, a consolidação das políticas sociais, ainda vamos lançar a política de inclusão digital, que nós queremos fazer o Brasil se transformar em uma grande potência na área digital, e ainda vamos preparar um PAC em janeiro para 2011-2015. Por que nós temos que preparar agora? Porque nós precisamos começar a colocar dinheiro no Orçamento de 2011. Se deixar para a pessoa começar a fazer o projeto em 2011, vai começar a fazer licitação em 2012. Então, nós queremos deixar preparado porque tem a Copa do Mundo e, possivelmente, no dia 2 a gente ganhe as Olimpíadas, e aí vai precisar de muitos investimentos, vai precisar de muito trabalho. Eu acho que nós estamos preparados; preparados para lançar o Tarso, preparados para lançar a Dilma e preparados para ganhar as eleições. Você sabe que eu tenho muita humildade na questão de eleição porque eu já perdi muitas vezes, então eu sei que eu já estive na frente, depois perdi. Então, é preciso que a gente construa um time capaz de ganhar, e eu acho que nós temos condições de construir em torno da Dilma esse time para ganhar as eleições.

Jornalista: Presidente, uma última pergunta porque eu sei que o senhor já está... o pessoal já está me avisando aqui, mas eu gostaria que o senhor também fizesse alguma observação aí sobre essa... a economia do Rio Grande. O senhor acha que a economia do Rio Grande está acompanhando a economia do Brasil? Disse que foi “marolinha” mesmo. O Le Monde disse que



um dos motivos de ter sido “marolinha” foi o bom mercado interno brasileiro. Essa foi a garantia do...

Presidente: Veja, nós acreditávamos... eu sempre separo a crise que teve, Rogério, entre... Nós ficamos, de 2007 a agosto de 2008, falando apenas no *subprime*. Então, enquanto a gente estava discutindo a questão do *subprime*, se imaginava – isso, você pode analisar os grandes economistas brasileiros – que o Brasil poderia ter o PIB diminuído em 1%, até menos. Acontece que houve a quebra do Lehman Brothers. Quando ele quebra, muda a situação da economia porque o crédito desapareceu no mundo. Só para você ter ideia, o crédito desapareceu com tanta rapidez, que a Petrobras, que é uma empresa excepcional, que todo mundo gostaria de emprestar dinheiro para ela, a Petrobras teve que recorrer à Caixa Econômica Federal, pegando o dinheiro que era para emprestar para pequena empresa, para poder ter fluxo de caixa, tanta foi a rapidez com que desapareceu o dinheiro.

No Brasil, nós tomamos algumas medidas que alguns criticavam, dizendo que eu estava estatizante demais, e tal. O que nós fizemos? Por exemplo, para você reativar o mercado de financiamento da indústria automobilística, para você financiar o carro novo, é preciso você financiar o carro usado, porque uma parte da sociedade vende o carro seu, usado, para comprar um novo. Acontece que nós tínhamos um sistema, um sistema de bancos que financiavam carros, que acabou o dinheiro. Nos bancos das montadoras acabou o dinheiro. A maioria dos bancos pequenos que funcionavam [financiavam] carros acabou o dinheiro. O que nós fizemos? Nós liberamos quase R\$ 100 bilhões do compulsório. Foi o primeiro fôlego dado para que os bancos grandes emprestassem aos pequenos. Acontece que os bancos grandes não emprestaram aos pequenos, e nós continuamos com o problema.

Então, nós fomos obrigados a criar um seguro, um fundo garantidor para



permitir que os bancos pequenos voltassem a tomar dinheiro emprestado e a financiar. Ainda assim, não funcionou. O que nós fizemos? Nós tomamos a decisão de comprar o Banco Votorantim, que era um banco que tinha mais *expertise* em financiamento de carros usados, ele tinha uma carteira de 90 bilhões de carros usados. O que nós fizemos? Nós compramos 50% do Banco. É uma direção compartilhada: em um ano o Banco do Brasil tem a presidência e no outro ano o Votorantim tem a presidência. Aí, em vez de você ficar treinando gente do Banco do Brasil para ter *expertise*, nós compramos um banco que tinha *expertise* nisso. Compramos a Nossa Caixa, a Caixa de São Paulo, que tinha 30 bilhões em caixa, portanto, era um banco importante para a gente comprar, e transformar o [Banco do] Brasil no maior banco de crédito do Brasil.

Então, nós tínhamos... o Brasil foi um privilegiado, porque a gente tinha o BNDES, em que nós tínhamos colocado R\$ 100 bilhões a mais para financiamento; tinha o Banco do Brasil e tinha a Caixa Econômica Federal. Esses bancos passaram a ser responsáveis por grande parte do restabelecimento do crédito em nosso país, e isso fez com que o Brasil saísse na frente dos outros países. Depois, nós tínhamos dito... o Brasil é um país que tem quase tudo por fazer ainda.

Então, nós temos um mercado interno potencial que a Alemanha não tem, porque eles já têm quase todos os bens materiais e o nosso povo não tem. Então, o que nós vamos fazer? Vamos facilitar a vida das pessoas, vamos facilitar. Você veja que eu fui, no dia 22 de dezembro ou dia 23 de dezembro do ano passado, eu fui para a televisão fazer apologia do consumo. Por que eu tive que fazer? Quem deveria ter feito eram os empresários do comércio. Eu estava lendo a imprensa e estava vendo que a imprensa dizia: "O trabalhador não vai comprar porque ele vai perder o emprego e não pode pagar a prestação". Então, eu fui dizer para o trabalhador: Olha, se você não quer comprar porque está com medo de perder o emprego, você vai perder o



emprego exatamente se você não comprar. Então, compre. Faça dívida, não faça dívida que você não pode pagar, mas compre. Então, o mercado interno reagiu de forma extraordinária. E ainda tem um potencial extraordinário porque falta quase tudo ainda para muita gente neste país.

Eu acho que, então, o Brasil deu uma lição ao mundo. Hoje, Rogério, hoje em qualquer país do mundo o Brasil é considerado o país que melhor saiu da crise e que mais rapidamente saiu da crise – entre os Bric's, entre o G-20 – porque nós tomamos as medidas antes. O PAC não foi por conta da crise, o PAC existia antes da crise, a gente já estava nesse processo. A coisa nova que nós fizemos foi fortalecer o mercado interno, fazer desoneração e, ao mesmo tempo, criar o programa Minha Casa, Minha Vida, que era uma demonstração que nós queríamos dar para a construção civil, que gera muito empregos, e que não faltará dinheiro.

Veja, Rogério, o desafio de fazer um milhão de casas, o desafio era para dois anos. O que eu descobri? Eu descobri que a Caixa Econômica não estava estruturada, precisou se estruturar; eu descobri que os empresários não tinham o potencial que a gente pensava que tinham para construir um milhão de casas, porque as pessoas estavam acostumadas a construir 200 mil, 300 mil. Eu percebi que vários entes federados, prefeituras de estados, não estavam preparados para fazer o cadastramento com rapidez e não tinham projetos. Então, depois que nós lançamos, esta fase agora é a fase de cadastramento, de construção de projetos. Eu penso que nesse último trimestre, agora, vão começar a ser construídas muitas casas e nós vamos contratar e cadastrar um milhão de casas.

Se a gente conseguir fazer essas casas, Rogério, nós mudamos o paradigma de construção habitacional neste país. Qualquer governo que vier depois de mim vai ter que fazer um pouco mais, porque não é possível que eles deixem que um simples torneiro mecânico faça mais do que eles. Essa é uma coisa que vai acontecer e é um prazer que eu tenho, de ter mudado o



paradigma do Brasil. Quem vier vai ter que fazer mais, não tem jeito, porque vai haver termo de comparação: na educação, na saúde, no transporte, no saneamento básico, no crescimento econômico. Certamente sairão os dados da Pnad hoje, publicados pela imprensa. Se não saíram, vão sair amanhã. Mas as informações primeiras, assim, são de que os números serão bons, numa perspectiva de melhoria nos próximos anos. E nós vamos ver... vai melhorar 2010; hoje está medindo 2008; depois vai medir o de 2009, o de 2010. Nós só vamos saber o de 2010 em 2011. Então, em 2011, na Pnad, é que nós vamos ver os efeitos deste mandato meu, de oito anos, na vida do povo brasileiro. E depois, eu espero que a Dilma faça o dobro e faça melhor, porque nós vamos melhorar ainda mais.

Jornalista: Presidente, eu sei que o horário está... que o senhor está atrasado. Muito obrigado, em nome da rádio Guaíba, da Rede Record, pela gentileza que o senhor teve em nos atender com exclusividade, aqui, acompanhado da ministra Dilma, do ministro Tarso, do ministro Nascimento. Só nos resta agradecer a sua gentileza em ter nos atendido.

Presidente: Obrigado a você, Rogério. E dizer uma coisa para você. Agora, nós tornamos hábito, em toda cidade que eu chego, conversar com rádio local. O rádio é sempre muito importante porque veio a internet, veio a televisão digital. Agora, o rádio continua sendo imbatível, porque o rádio é o que dá uma certa mobilidade para as pessoas ouvirem onde estiverem, seja no chuveiro, seja na cozinha, seja no quarto, seja no carro, até em outros lugares as pessoas podem ouvir um programa de rádio.

Então, eu quero agradecer a você, Rogério, e dizer que daqui para a frente nós vamos estar mais disponíveis para a gente fazer mais entrevistas.

Jornalista: Que bom, muito obrigado.



Presidente: Um abraço.

E eu me lembrei, um comunicado em que ela não estava presente. A Petrobras anunciou, lá no Atlântico Sul, que já tem a nova plataforma para o Porto de Rio Grande. Já decidiram que vai ser em Rio Grande, a nova plataforma.

Jornalista: Olha aí, mais uma boa notícia para o Rio Grande.

Mais uma vez, Presidente, muito obrigado.

(\$31DHJLP)